



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
REITORIA
Avenida Rio Branco, 50 – Santa Lúcia – 29056-255 – Vitória – ES
27 3357-7500

CONCURSO PÚBLICO

EDITAL Nº 03 / 2016

Professor do Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico

ÍNDICE DE INSCRIÇÃO	311
HABILITAÇÃO	Licenciatura em Letras Português com Mestrado ou Doutorado, ambos em Educação.

PROVA DE CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS | DISCURSIVA

MATRIZ DE CORREÇÃO

QUESTÃO 01

A partir da obra referenciada, observamos que as cinco faces da Literatura apresentadas por Culler (1999,p.35-40) nos remetem à colocação em primeiro plano do desenho linguístico do texto, de modo a percebermos uma linguagem organizada a partir de combinações verbais incomuns e desenhos sonoros tais como a repetição rítmica de sons para atrair a atenção para as próprias estruturas linguísticas do tecido textual. Esses e outros recursos da linguagem presentes no texto literário nos fazem atentar para o elemento sonoro ou para outros tipos de organização linguística que, em geral, ignoramos. Nessa complexa relação entre os diversos elementos componentes da linguagem literária, procuramos explorar as relações entre forma e sentido ou tema e gramática, de modo a entender a contribuição que cada elemento traz para o efeito do todo, a partir da integração, harmonia, tensão ou dissonância. Outro aspecto relevante, a ficcionalidade, permite que separemos a linguagem de outros contextos nos quais ela poderia ser usada e deixa a relação do texto literário com o mundo aberto a interpretações plurais. Para Culler (1999, p.39-40), a face estética da obra literária ocorre porque, “Com outras funções comunicativas inicialmente postas em parênteses ou suspensas, exorta os leitores a considerar a inter-relação entre forma e conteúdo”. Como construção intertextual ou autorreflexiva, a Literatura constitui-se uma prática na qual os autores tentam fazer avançar e renovar a Literatura, por isso é sempre implicitamente uma reflexão sobre a própria literatura. Culler (1999, p.40) também destaca que

Uma obra existe em meio a outros textos, através de suas relações com eles. Ler algo como literatura é considerá-lo como um evento linguístico que tem significado em relação a outros discursos: por exemplo, como um poema que joga com as possibilidades criadas por poemas anteriores ou como um romance que encena e critica a retórica política de seu tempo.

Tais pressupostos, pensados no contexto escolar, nos apontam para novas possibilidades prático-teóricas diante do texto literário nas aulas de Português, uma vez que deixa de ser apenas um componente curricular ou um pretexto para o trabalho com a gramática ou com interpretações formalistas sobre aspectos estruturais descolados das questões sociais e do contexto de produção do texto em diálogo com o contexto atual da leitura. As faces destacadas por Culler (1999) postulam um trabalho linguístico, interpretativo, relacional, dialógico e autorreflexivo, para além das questões meramente escolares, historiográficas ou informativas sobre autores e obras. Como fator de humanização e de afinamento das emoções dos alunos, segundo Candido, o papel da Literatura na escola amplia-se, desse modo, pela noção inescapável de sentido, porque não é algo simples ou simplesmente determinado e encerrado em atividades pré-estabelecidas. Ler, nessa perspectiva, é simultaneamente uma experiência de um sujeito e uma propriedade de um texto. É tanto aquilo que compreendemos como o que, no texto, tentamos compreender. Assim, a Literatura promove o questionamento da

autoridade e dos arranjos sociais. Por meio da identificação com os personagens, cenários, ações e enredos criados, pode-se criar um sentimento de pertença ou de reconhecimento com as questões de classe, gênero, raça, nação e idade, “os livros podem promover um "sentimento de camaradagem" que desencoraja a luta; mas também podem produzir um senso agudo de injustiça que torna possíveis as lutas progressistas”(CULLER,1999, p.45). Na escola, portanto, o papel da Literatura é o da resistência aos valores culturais socialmente impostos por grupos hegemônicos, bem como o da ampliação do universo cultural dos alunos, no sentido de uma formação humanística e não apenas profissionalizante, com vistas a um fim utilitário ou instrumental. Para além dos aspectos linguísticos e estilísticos de um texto literário – certamente importantes no contato com os desenhos da linguagem literária - encontra-se a experiência de leitura dos alunos, a prática do inaudito, o encontro com grandes personagens e a problematização das questões sociais metaforizadas no texto ficcional.

QUESTÃO 02

A situação-problema apresentada na questão aponta para uma prática tradicionalista e gramaticeira ainda presente nas aulas de português que privilegiam a metalinguagem e o estudo das normas gramaticais descoladas da produção textual, dos variados registros da língua presentes em situações concretas de linguagem e pouco analisadas nos textos. O ensino orientado pela perspectiva gramatical, comum nas décadas de 60 e 70, foi problematizado na década de 80 é quando o ensino de Língua Portuguesa começa a ser pensado não simplesmente como o ensino de sua gramática, mas também como o ensino do uso dos diferentes gêneros discursivos. Antes dessa mudança de perspectiva teórica, situações como a do professor em análise revelam o insucesso pedagógico no contexto da escrita, principalmente, por não considerarem as concepções interacionistas da linguagem, das quais destacamos o dialogismo e a teoria dos gêneros discursivos, ambas presentes nos escritos do filósofo russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin. Como pontos centrais desses aspectos teóricos, ressaltamos:

- Os gêneros são **formas de enunciados** produzidas historicamente, que se encontram presentes em nossa cultura. São relativamente estáveis.
- Os gêneros se caracterizam pelos **temas** que podem veicular, por sua composição e marcas linguísticas específicas. Portanto, nas situações comunicativas cabe reconhecer a especificidade desses gêneros, de modo a perceber que não é qualquer gênero que serve para se dizer qualquer coisa.
- Todo texto participa de uma relação humana, de uma atividade humana. Portanto, a linguagem não é uma prática escolar, mas integrante das relações sociais dos falantes. Essa é a proposta bakhtiniana: “Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua”.
- A natureza dialógica da linguagem concretiza-se na interlocução. Bakhtin apresenta o diálogo como espaço de embates, lutas, desigualdades que refletem os próprios aspectos da interação entre os sujeitos na vida social. O diálogo não seria, desse modo, uma instância apenas de negociação e de mediação de tensões, mas um espaço no qual esses embates poderiam ser acolhidos e repensados, de modo a contribuir com a compreensão de uma realidade mais ampla, a realidade social. Para o filósofo russo, o diálogo seria uma das formas mais importantes da interação verbal, no sentido amplo que a palavra nos oferece: não apenas a comunicação face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.
- Bakhtin (2002) destaca a centralidade da linguagem na vida humana. A palavra é concebida como material da linguagem interior e da consciência e tem sempre um sentido ideológico ou vivencial, além de ser elemento privilegiado da comunicação na vida cotidiana, presente em todos os atos de compreensão e de interpretação.
- Na concepção bakhtiniana, o sujeito se constitui na e por meio da linguagem. A realidade efetiva que se apresenta nas condições reais da comunicação verbal é imprescindível para a significação das palavras, consideradas signos sociais que acompanham e comentam os atos ideológicos.
- Partindo da ideia de que na palavra (signo) confrontam-se valores sociais e de que qualquer processo de comunicação encontra-se com a comunicação verbal, **podemos apontar um primeiro caminho para a leitura e escrita**

na escola: um discurso trabalhado dialogicamente numa sala de aula deve pautar-se pelas interações entre sujeitos: daí a necessidade de escuta da multiplicidade de vozes, do trabalho para além da normatividade e da prescrição. Em uma aula de produção textual há que se ouvir os sujeitos e as suas respostas às provocações dos textos lidos/falados. A sala de aula deveria ser o lugar em que os movimentos dialógicos deveriam ser privilegiados em duas perspectivas: pela relação dos alunos com palavras que já foram ditas antes, retomando o aspecto intertextual e intersubjetivo da linguagem, e segundo pela interação dos vários educandos entre si, com os educadores e com a comunidade escolar em geral: aulas de campo, seminários, debates orais orientados, leitura compartilhada e outras atividades que permitam a dialogicidade.

- No estudo sobre gêneros, Bakhtin (1992) distingue três elementos que compõem o enunciado – conteúdo temático, construção composicional e estilo – e que, ao serem determinados pelas especificidades de um determinado campo, passam a constituir os gêneros do discurso. Eles podem ser separados em dois grupos: **gêneros primários** – aqueles que fazem parte da esfera cotidiana da linguagem e que podem ser controlados diretamente na situação discursiva, tais como: bilhetes, cartas, diálogos, relato familiar... – e **gêneros secundários** – trata-se de textos, geralmente mediados pela escrita, que fazem parte de um uso mais oficializado da linguagem; dentre eles, o romance, o teatro, o discurso científico..., os quais, por esta razão, não possuem o imediatismo do gênero anterior. **Essas noções nos encaminham para uma segunda possibilidade de trabalho com textos orais e escritos na escola: é preciso encaminhar uma reflexão maior sobre o uso de cada um desses gêneros**, considerando o contexto de uso e os seus interlocutores. Por isso, é imprescindível abarcar a questão dos gêneros discursivos nas aulas de português como um quesito central do trabalho com a linguagem na escola, indo além da teoria das tipologias textuais: narração, descrição, argumentação, injunção, etc.; pois, afinal, as práticas sociais de linguagem demandam propósitos comunicativos diversos e específicos relativos à diversidade de gêneros que circulam socialmente.
- **Em relação à leitura, é importante enfatizar uma terceira possibilidade de trabalho ancorada nos pressupostos bakhtinianos sobre a linguagem: o professor precisa ter consciência sobre a responsabilidade de encaminhar o processo dialógico entre leitor e texto literário nas práticas leitoras na escola.** Consciente da especificidade do objeto literário e das suas infinitas possibilidades linguísticas, estéticas e ideológicas, o professor deixa de prender-se à tradicional aula de literatura que apresenta um desfile de autores e aspectos históricos das estéticas literárias e passa à leitura efetiva dos textos ficcionais. A partir dessa abordagem, o professor pode estimular a responsividade do aluno no processo, ampliando sua competência discursiva e ajudando-o a compreender a realidade, expressá-la ativamente e perceber-se como elemento de mudança dessa realidade.

QUESTÃO 03

O autor desmembra a utilidade da literatura em quatro explicações que se complementam, quais sejam: a primeira diz respeito ao poder moral que a literatura detém. Poder esse que remonta ao conceito de Aristóteles de mimesis. A literatura, através da experiência e do exemplo, guia e educa melhor que as regras estabelecidas autoritariamente. Deleita e instrui ao mesmo tempo, ou seja, o valor da literatura relaciona-se à constituição do humano. A segunda explicação do poder da literatura dada é aquela surgida no Iluminismo e que não se refere a ela somente como um meio de instrução deleitante, mas a compreende como remédio contraditório, pois ao conceder autonomia ao leitor, liberta-o de sujeição a posturas autoritárias, tornando-o insubmisso, atenuando a fragmentação da experiência. Sob esse entendimento, o autor ressalta o aspecto político marcante nessa forma artística. Uma observação interessante encontrada é que em situações de conturbação social e política, principalmente em momentos de revolução, lê-se mais. O terceiro poder da literatura diz respeito à correção de defeitos linguísticos que pode propiciar, no sentido mais amplo que a expressão permita. Falando a todo o mundo, e recorrendo à língua comum, a linguagem literária ou poética (decisivamente na modernidade) ultrapassa os limites da linguagem ordinária. Seu aspecto transgressor encontra pouso no lúdico, na procura das margens dos significados, usando para isso a violência verbal, declarada ou surda, para avançar na representação do homem no mundo. Por fim, depois de referenciadas as funções de agradar e ser útil, de reunificar a experiência e de vivificar a língua, o quarto poder mencionado por Compagnon é aquele que nega qualquer poder da literatura além do exercício sobre ela mesma. A literatura seria contra qualquer engajamento (não só social e humano), do “fora do poder”; no exagero, do “impoder sagrado” (COMPAGNON, 2009, p. 41, 44). Seria a literatura, então, passível de neutralidade? O próprio autor: “A literatura pode divertir, mas como um jogo perigoso, não um lazer anódino” (COMPAGNON, 2009, p. 42).

Relacionando tais explicações presentes nas palavras do autor francês às leis em questão, cujos textos trazem a obrigatoriedade nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, o professor de Literatura poderá selecionar textos representativos dessas questões relativas ao negro e ao índio, com vistas a uma leitura crítica da realidade social em que foram construídos em diálogo com as questões do nosso tempo. Cabe ressaltar que autores como Castro Alves, Machado de Assis, Adolfo Caminha, Cruz e Souza, Lima Barreto, Mário de Andrade e outros já traziam em suas edificações textuais provocações e situações relativas à condição do negro em nosso contexto de forma irônica e sugestiva para uma leitura dialógica. Em outra perspectiva, a escola poderá também, por meio de um trabalho integrado entre a literatura e outras áreas do conhecimento, trazer para a cena cultural escolar escritores autoidentificados como negros ou “periféricos”, como Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Paulo Lins e Reginaldo Ferreira da Silva – o Ferréz – por exemplo, para criar um ciclo de debates na comunidade escolar que culmine em intervenções e propostas concretas de combate ao racismo. Quanto à questão do índio, é importante analisar com os alunos o “indianismo” na literatura e a real situação do indígena em nossa sociedade., a partir

de questões como: Em que sentido a valorização da figura indígena na literatura romântica, por exemplo, impactou nas condições concretas desse grupo ou em sua representação social? Para tanto, pode-se propor leituras dos clássicos indianistas alencarianos em um viés crítico e sempre em diálogo como cenário atual. O importante é destacar que as atividades de leitura literária na escola poderão ser potentes e estimular a criticidade do aluno leitor se não forem pontuais, apenas comemorativas ou ilustrativas, mas que possam realmente estimular debates processuais e fazer parte da cultura escolar.

QUESTÃO 04

Geraldi aponta três concepções da linguagem que são:

- a) a linguagem é a expressão do pensamento: esta concepção ilumina basicamente os estudos tradicionais; essa concepção nos leva a afirmar de que pessoas que não podem se expressar não pensam;
- b) a linguagem é instrumento de comunicação: esta concepção está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código capaz de transmitir ao receptor uma certa mensagem. Nos livros didáticos, esta é a concepção confessada nas instruções ao professor, nas introduções, nos títulos embora em geral seja abandonada nos exercícios gramaticais.
- c) a linguagem é uma forma de interação: mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana – por meio dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam antes da fala.

Em outras palavras, essas concepções correspondem às três grandes correntes dos estudos linguísticos: a gramática tradicional; ao estruturalismo e o transformacionalismo; a linguística da enunciação. (...)

QUESTÃO 05

A principal lição seria a preparação para a prática reflexiva do professor para a inovação e para a cooperação. O bom senso leva-nos a crer que, se a sociedade muda, a escola tem de evoluir junto com ela, antecipar e até inspirar transformações culturais. A sociedade está na escola e a escola está na sociedade. No entanto, a escola não poderia cumprir a sua missão se adotasse novas finalidades a cada mudança de governo e se sofresse abalos cada vez que a sociedade passasse por uma crise ou por conflitos graves. O Sistema educativo tem de encontrar um justo equilíbrio entre uma abertura destrutiva para os conflitos e para os sobressaltos da sociedade e de um fechamento mortífero, que a separaria do resto da vida coletiva. Apesar das novas tecnologias, da modernização dos currículos, da renovação das ideias pedagógicas, o trabalho dos professores evolui lentamente, pois depende muito pouco do progresso técnico; a relação educativa obedece a uma trama bastante estável, e suas condições de trabalho e sua cultura profissional estabelecem rotinas entre os professores. Por isso, a evolução dos problemas e dos contextos sociais não se traduz em uma evolução das práticas pedagógicas ...